

2006/10/26

## A GEOPOLÍTICA DE RATZEL, LA BLACHE E KJELLEN E O ECLODIR DA I GRANDE GUERRA

Hugo Palma[1]

Desde a Conferência de Vestefália de 1648, que põe fim ao sonho de Monarquia Universal e ao significado político do conceito de Cristandade, o sistema europeu de Estados adoptou, como princípio de funcionamento, o equilíbrio de poder, “política conservadora do sistema, obviamente contrariada sempre por qualquer Estado revisionista ou animado de um projecto de expansão”. Adriano Moreira identifica como objectivos da política de equilíbrio garantir a independência e sobrevivência dos Estados, impedir o domínio de qualquer Estado, e salvaguardar o próprio sistema[2].

Foi neste princípio que se organizou o Congresso de Viena em 1815, para restaurar a ordem, vencidas as ambições napoleónicas. E todo o funcionamento do sistema foi finalmente posto em causa quando houve necessidade de recorrer à I Guerra para contrariar as ambições hegemónicas e as rivalidades entre as grandes potências.

Joseph Nye divide analiticamente o século XIX histórico em três grandes períodos[3], o que permite compreender a ruptura do princípio de equilíbrio de poder. Assim, se entre 1815 e 1870 a Europa é caracterizada por uma multipolaridade flexível, a ascensão industrial, política e militar da Alemanha põe em causa essa multipolaridade, passando-se, com o que Paul Kennedy apelida de “revolução diplomática de 1904-05”, [4] a uma bipolaridade de alianças, ou segundo Kissinger, à “petrificação do poder em dois blocos” [5], o que leva à perda de flexibilidade do sistema. Assim, o período de paz armada e corrida aos armamentos que se vivia era marcado pela existência de duas alianças principais, a Tríplice Aliança (resultante dos acordos germano-austríacos e das negociações posteriores com a Itália) e a Tríplice Entente, formada pelas *ententes cordiales* entre a Inglaterra e a França e entre a Rússia e a França.

É com esta conjuntura pré-guerra que importa relacionar as teses dos percussores europeus da Geopolítica, nomeadamente Ratzel, Vidal de la Blache e Kjellen.

Friedrich Ratzel (1844-1904) desenvolve o seu pensamento num contexto nacional e internacional muito próprio, em que a Alemanha, liderada por Bismarck, se unificava como Estado e se assumia como potência mundial, e onde o mundo assistia à afirmação de grandes Estados-continente e dos Impérios coloniais. Filosoficamente, a Alemanha era a síntese do primado da razão de Kant, do determinismo e materialismo histórico de Hegel e do romantismo místico e nacionalista de Herder, Fichte e Treitschke. No pensamento estratégico e geopolítico alemão era dominante a psicose do cerco, a não correspondência entre a dimensão real da Alemanha e a dimensão espacial, e a necessidade de compensações daí resultante. Ratzel efectua os seus primeiros estudos no âmbito das ciências naturais, reflectindo desde aí sobre a problemática darwinista que aplicaria depois à realidade social. Enveredando pela área da Geografia, considera que esta tem como objectivo explicar as influências que o ambiente exerce sobre os grupos humanos, particularmente sobre os Estados. Considera que esta forma máxima de organização política mantém uma relação de necessidade com o solo e que, por isso, deve ser considerada do ângulo geográfico.

Segundo José Adelino Maltez, Ratzel é o introdutor de um nacionalismo geopolítico e de uma concepção físico-natural de nação, onde existem três elementos fundamentais: o espaço (*Raum* – extensão territorial e características), a posição (*Lage* – posição relativa, continentalidade ou insularidade) e a fronteira (*Grenze* – órgão periférico e dinâmico)[6]. O seu pensamento é marcado por um forte determinismo geográfico, a partir do qual elabora a Teoria dos Espaços e as Leis do Crescimento Territorial dos Estados. Na Teoria dos Espaços, quatro postulados que Políbio Valente de Almeida considera “fecundamente provocativos” [7], apresenta o espaço como factor primordial na grandeza dos Estados, concluindo que um grande território incita à expansão e que só foi poder mundial quem se fez representar em vastos espaços e em todos os lugares e momentos críticos.

Já as Leis “contêm elementos que dizem respeito ao poder do Estado ou a sinais da evidência desse poder” [8]. Devido à reduzida dimensão deste exercício não interessará para aqui a sua reprodução, pelo que passamos imediatamente a algumas considerações sobre as mesmas. Na nossa opinião, podemos fazer corresponder algumas dessas leis a exemplos históricos, pelo que a sua elaboração estará intimamente ligada à Alemanha da época. Ratzel considera que a uma civilização mais adiantada caberá dar o primeiro impulso para o desenvolvimento territorial de um Estado, sendo a expansão territorial a consequência de surtos de desenvolvimento noutras áreas e que as unidades menores e as partes mais valiosas são as primeiras a ser absorvidas. Políbio

Valente de Almeida considera que estas leis “contêm algo que talvez pretenda justificar os imperialismos” e que Ratzel, ao admitir a existência de outros factores, como a cultura, que condicionam o poder do Estado, afasta-se do determinismo geográfico puro: espaço é poder, mas é necessário qualificar o espaço[9].

Neste sentido, introduz o conceito subjectivo e com tendências místicas de Raumsinn ou sentido de espaço, elemento de coesão nacional que influenciou Bismarck. Segundo Ratzel “há raças que comunicam melhor com o espaço (...) e que, por isso, têm maior capacidade para captar as suas forças criadoras e dinamizá-las”. E “o povo alemão tem um sentido de espaço superior ao de qualquer outro povo”, pelo que “a Alemanha tem direito a um espaço em conformidade com o seu tamanho e a sua capacidade”. Surge assim o conceito de *Lebensraum*, ou espaço vital, que terá profundas consequências futuras, orientando os decisores políticos alemães, quer através do expansionismo alemão no século XIX, quer ao serviço do nazismo.

À reunificação da Alemanha segue-se a tomada de territórios na Europa e, principalmente em África e, também, de posições no mar. O próprio Ratzel escreve uma obra que reflecte a importância estratégica dos mares no seu pensamento, “O mar, origem da grandeza dos povos”, onde insiste na “importância do domínio do mar e na construção de uma armada forte para a Alemanha”, lembrando-se que o Guilherme II havia ambicionado o título de Almirante do Atlântico[10]. De facto, Kissinger identifica que começaram no final do século XIX as pressões dos navalistas pela construção de uma marinha alemã que desafiasse a supremacia inglesa, o que contribuiu para que a Inglaterra aumentasse as suas suspeições sobre as ambições germânicas[11].

Ratzel é um intelectual comprometido com a sua época, que “não cessa de se interrogar sobre o seu país, a sua identidade, a sua posição no mundo”[12], pelo que a sua geopolítica reflecte as condições e o pensamento de então e procura, segundo Michel Korinman “responder às preocupações dos dirigentes prussianos” e tornar-se para estes um “instrumento útil”[13]. É, devido ao seu determinismo histórico-geográfico, um dos responsáveis pelo nacionalismo alemão e pelo pangermanismo que se expande na Alemanha de Guilherme II[14].

Em oposição às ambições alemãs surgirá o geógrafo francês Paul Vidal de la Blache (1845-1918), percursor das reflexões geopolíticas francesas e que reage às teses de Ratzel por motivos científicos, mas também por razões políticas. Assim, ao determinismo contrapõe o possibilismo, considerando que a natureza oferece um conjunto de possibilidades e características físicas e geográficas as quais cabe o homem aproveitar e valorizar. A sua obra com maior conotação política é *La France de l'Est*, onde, sob a aparência de estudo regional, defende a posição francesa de domínio da Alsácia-Lorena, incluindo Estrasburgo, e garantindo o acesso ao Reno[15]. Em oposição ao conceito de fronteira dinâmica formulado pela geopolítica alemã, no sistema político francês era linha de força a fronteira estável, conceito introduzido por Richelieu como fundamental para a segurança da França[16].

Já Kjellen (1864-1922), sueco, volta a retomar as teses de Ratzel e consubstancia-se como principal impulsionador prático da geopolítica alemã. O conceito central da sua tese era uma concepção profundamente organicista do Estado, da qual o título da sua obra principal é paradigmático: “O Estado como Forma de Vida”. Para Kjellen os Estados são “a mais importante de todas as formas de vida” e “são seres sensíveis e racionais – como os homens”. [17] É o primeiro pensador a propor o termo Geopolítica considerando que esta disciplina dever-se-ia ocupar de uma “teoria do Estado enquanto organismo geográfico ou enquanto fenómeno no espaço. Fundamentais na sua obra são a tese da vinculação territorial do Estado, pelo qual defende que “cada Estado tem o seu núcleo territorial, fixo, de uma vez para sempre” e a lei da individualização geográfica, que conduziu a interpretações associados ao pangermanismo, onde estatui que cada Estado procura, no interior, território natural (adequado ao povo que o habita) e, no exterior, fronteiras naturais (limite físico do espaço que fosse possível integrar como território natural)[18].

Kjellen faz a distinção entre Estado e Nação, considerando que o primeiro (indivíduo geográfico) é prevacente sobre o segundo (indivíduo étnico), e que “o Estado é capaz de suportar melhor a perda de vidas humanas, do que a perda de território”[19]. Talvez seja importante agora centrarmo-nos nos contributos práticos que Kjellen teve para os decisores alemães, já que Kjellen “criou entre os militares germânicos uma gnose que ajuda a explicar a eclosão e condução da I Guerra”. Com efeito, defendia uma *mitteleurope* liderada pela Alemanha, com um espaço vital da Noruega à Turquia[20], o que levou a que fosse apelidado, com Gobineau e Chamberlain, de um dos três *non-German super-Germans*[21]. Influenciou também profundamente Karl Haushofer, o principal organizador da Escola Alemã de Geopolítica que se desenvolveu no interlúdio das duas guerras.

Se, segundo Napoleão, “as nações fazem a política da sua geografia”[22], importa tentar analisar sucintamente de que forma as percepções geopolíticas orientaram os principais intervenientes na I Guerra Mundial, seguindo Defarges[23] e Kissinger[24].

Na Alemanha dominava a já referida psicose do cerco, já que dizia encontrar-se cercada de potências com grandes massas territoriais (França e Rússia), enquanto ambicionava ao mesmo tempo um sonho pangermânico de criação de um bloco continental, além de outros desejos colonialistas. Já o Império Austro-Húngaro procurava antes de mais manter a sua unidade, mas tentativa também impedir os avanços pan-eslavos nos Balcãs. A Grã-Bretanha, por seu turno, assiste à crescente afirmação alemã nos domínios industrial, colonial e naval mas mantém, mesmo no início da Guerra, a ambiguidade relativa do seu isolamento devido às pressões da opinião pública e à tradição do seu esplêndido isolamento. Mas a invasão da Bélgica pela Alemanha, ameaçando a Mancha e a sua insularidade, acabaria por determinar a sua entrada na Guerra, pois não havia nenhuma causa pela qual a Grã-Bretanha tivesse lutado tão implacavelmente na história como pela independência dos Países Baixos.

A França perseguia o seu objectivo histórico de recuperar a Alsácia-Lorena e, acima de tudo, evidenciava a preferência que vinha desde Richelieu de ter na sua fronteira oriental uma Alemanha enfraquecida. Já a Rússia obedecia ao seu tradicional desejo expansionista e de liderança do pan-eslavismo, alheando-se das forças centrífugas que advinham do seu crescimento territorial. Além disso continua com a ambição de romper o isolamento continental e aceder aos mares quentes, e, ao mesmo tempo, o desejo político-religioso de ser a Roma da ortodoxia, dois projectos que significavam profundos interesses na zona dos estreitos do Mar Negro. Por fim os Estados Unidos, fiéis à Doutrina Monroe advogam o seu isolacionismo, acabando por vir a funcionar como o verdadeiro fiel da balança de um sistema que não reconheciam como seu, intervindo sob a alçada de um idealismo que dizem sobrepor-se aos interesses geopolíticos.

-----  
Bibliografia:

ALMEIDA, Políbio Valente de, Do Poder do Pequeno Estado, ISCSP, 1990.

DEFARGES, Philippe Moreau, Introdução à Geopolítica, Gradiva, 1ª edição, 2003.

KENNEDY, Paul, Ascensão e Queda das Grandes Potências, Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1988.

KISSINGER, Henry, Diplomacia, Gradiva, 2ª edição, 2002.

MALTEZ, José Adelino, Princípios de Ciência Política – Introdução à Teoria Política, ISCSP, 2ª Edição, 1996.

MOREIRA, Adriano, Teoria das Relações Internacionais, Almedina, 1996.

NYE, Joseph S., Compreender os Conflitos Internacionais – Uma Introdução à História e à Teoria, Gradiva, 1ª edição, 2002.

OLIVEIRA, Luís Soares de, História Diplomática, O Período Europeu – 1580-1917, Pedro Ferreira, 1994.

TOUCHARD, Jean, História das Ideias Políticas, vol. IV, Publicações Europa-América, 1991.

KISSINGER, Henry, Diplomacia, Gradiva, 2ª edição, 2002.

MALTEZ, José Adelino, Princípios de Ciência Política – Introdução à Teoria Política, ISCSP, 2ª Edição, 1996.

MOREIRA, Adriano, Teoria das Relações Internacionais, Almedina, 1996.

NYE, Joseph S., Compreender os Conflitos Internacionais – Uma Introdução à História e à Teoria, Gradiva, 1ª edição, 2002.

OLIVEIRA, Luís Soares de, História Diplomática, O Período Europeu – 1580-1917, Pedro Ferreira, 1994.

TOUCHARD, Jean, História das Ideias Políticas, vol. IV, Publicações Europa-América, 1991.

[1] Estudante de Relações Internacionais.

- [2] Adriano Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, Almedina, 1996, p.210.
- [3] Joseph Nye Jr., *Compreender os Conflitos Internacionais – Uma Introdução à Teoria e à História*, Gradiva, 2002, p.7
- [4] Paul Kennedy, *A Ascensão e Queda das Grandes Potências*, Pub. Europa-América, 1988.
- [5] Henry Kissinger, *Diplomacia*, Gradiva, 2ª Edição, 2002, p.143.
- [6] José Adelino Maltez, *Princípios de Ciência Política*, ISCSP, 2ª Edição, p.406.
- [7] Políbio Valente de Almeida, *Do Poder do Pequeno Estado*, ISCSP, 1990, p.107
- [8] *Idem, ibidem*, p.108.
- [9] *Idem, ibidem*, p.108.
- [10] *Op. cit.*, p.117
- [11] Henry Kissinger, *Diplomacia*, Gradiva, 2ª Edição, 2002, pp.158-9.
- [12] Philippe Moreau Defarges, *Introdução à Geopolítica*, Gradiva, 2003, p.76.
- [13] *Cit. in* Philippe Moreau Defarges, *Introdução à Geopolítica*, Gradiva, 2003, p.74
- [14] Jean Touchard, *História das Ideias Políticas*, vol. IV, Pub. Europa-América, 1991, p.46
- [15] Políbio Valente de Almeida, *Do Poder do Pequeno Estado*, ISCSP, 1990, p. 110.
- [16] Luís Soares de Oliveira, *História Diplomática – O Período Europeu*, Pedro Ferreira, 1994, p.73
- [17] Rudolf Kjellen, *Der Staat als Lebensform*, Berlin-Grunenvald, 1924, 4ª edição, p.36, *cit. in* Políbio Valente de Almeida, *op. cit.*, p.112.
- [18] Políbio Valente de Almeida, *op. cit.*, p.113.
- [19] *Idem, ibidem* p.115.
- [20] *Idem, ibidem*, p.118.
- [21] Hans W. Weigert, *Generals and Geographers – The Twilight of Geopolitics*, N. York, Oxford University Press, 1942, pp.106-7, *cit. in* Políbio Valente de Almeida, *op. cit.*, p.118.
- [22] Philippe Moreau Defarges, *op. cit.*, p.98.
- [23] Philippe Moreau Defarges, *op. cit.*, p.99-103.
- [24] Henry Kissinger, *op. cit.*, pp. 173-188.

## **85 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/05/23**

### **AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/05/05**

### **A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/03/28**

### **A DESPESA COM AS FORÇAS ARMADAS E A LINGUAGEM DOS NÚMEROS**

*João Pires Neves[1]*

**2012/03/24**

### **A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO**

*Pedro Santos Jorge[1]*

**2012/01/26**

### **THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY**

*Tiago Fernandes Mauricio[1]*

**2011/10/20**

**BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR[1]**

*Fernanda Maria Costa[2]*

**2011/05/09**

**ESTUDOS SOBRE O FUTURO DO FENÓMENO DA GUERRA**

*João Nunes Vicente[1]*

**2011/01/17**

**A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/01/14**

**JOSÉ MOURINHO, UM PORTUGUÊS DE QUINHENTOS**

*João Brandão Ferreira*

**2010/12/27**

**A POLÍCIA QUE NÃO PODE PRENDER[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/11/07**

**As “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/09/24**

**O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/09/21**

**OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?**

*Rui Ribeiro Vieira[1]*

**2010/07/12**

**FORÇAS ARMADAS: INÚTEIS OU INDISPENSÁVEIS?[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/05/18**

**O RELATÓRIO ALBRIGHT**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/02/19**

**TOWARDS A HOLISTIC VIEW OF WARFARE**

*João Vicente[1]*

**2010/02/16**

**DAS “NOVAS CRISES”: BREVES CONTRIBUTOS PARA A SUA CLARIFICAÇÃO CONCEPTUAL**

*Luís Falcão Escorrega[1]*

**2010/01/24**

**A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL, AS CAUSAS PROVÁVEIS – AS SOLUÇÕES POSSÍVEIS[1]**

*Eduardo Serra Brandão[2]*

**2010/01/21**

**O PLANEAMENTO POR CENÁRIOS NUM MUNDO INCERTO**

*Daniela Siqueira Gomes*

**2010/01/04**

**INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA NA ACTUALIDADE - ENTENDIMENTO E APLICAÇÕES[1]**

*Nanahira de Rabelo e Sant'Anna[2] (Brasil)*

**2009/07/07**

**O TGV E A DEFESA NACIONAL**

*João Brandão Ferreira*

**2008/06/26**

## **SUBVERSÃO E CONTRA-SUBVERSÃO [1]**

*Francisco Proença Garcia[2]*

**2008/06/12**

## **DIPLOMACIA ECONÓMICA: O QUE É? [1]**

*Daniela Siqueira Gomes[2]*

**2008/04/18**

## **BEMPOSTA ON THE ROAD - UM CONCEITO DIPLOMÁTICO**

*Bruno Caldeira*

**2008/04/14**

## **A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS**

*Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)*

**2008/03/28**

## **HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III**

*José Vale Faria[1]*

**2008/03/27**

## **HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II**

*José Vale Faria[1]*

**2008/03/26**

## **HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I**

*José Vale Faria[1]*

**2008/02/16**

## **O QUE HÁ DE NOVO NA “INTELLIGENCE?”[1]**

*Francisco Proença Garcia[2]*

**2008/02/01**

## **QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/01/28**

## **DUALIDADES GEOPOLÍTICAS E GEOESTRATÉGICAS PORTUGUESAS**

*João Brandão Ferreira*

**2008/01/06**

## **CRIMINALIDADE ORGANIZADA, TERRORISMO E INTELLIGENCE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO[1]**

*Fernando Silva Chambel[2]*

**2007/12/22**

## **ACORDEM PORTUGUESES!**

*João Brandão Ferreira*

**2007/12/16**

## **PARA ALÉM DA GUERRA[1]**

*Sandro Mendonça[2]*

**2007/12/12**

## **A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/12/10**

## **SEGURANÇA: VISÃO GLOBAL. A PERSPECTIVA DAS INFORMAÇÕES[1]**

*Jorge Silva Carvalho*

**2007/11/11**

## **WAR IN THE XXI CENTURY[1]**

*Francisco Proença Garcia*

**2007/08/13**

## **A AJUDA PÚBLICA AO DESENVOLVIMENTO: RUMO À ERRADICAÇÃO DA POBREZA?**

*Daniela Siqueira Gomes*

**2007/07/31**

## **IDENTIDADE E INDIVIDUALIDADE NACIONAL PORTUGUESA**

*João Brandão Ferreira*

**2007/07/18**

### **O MARXISMO**

*Pedro Conceição Carvalho*

**2007/07/04**

### **FASCISMO E NAZISMO**

*Pedro Conceição Carvalho*

**2007/06/20**

### **O SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA INTERNA (SISI) E A SUA ARTICULAÇÃO COM O SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA (SIRP)[1]**

*Jorge Silva Carvalho[2]*

**2007/06/04**

### **AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.**

*João Pires Neves[1]*

**2007/05/29**

### **DEVEM OS CHEFES DE ESTADO MAIOR DECLARAR OS RENDIMENTOS?**

*João Brandão Ferreira*

**2007/05/29**

### **OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES NO MUNDO ACTUAL[1]**

*Jorge Silva Carvalho[2]*

**2007/05/22**

### **LIMITES À PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES NO ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO**

*Jorge Silva Carvalho*

**2007/05/19**

### **A REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA – CONTINUAÇÃO DA REFORMA[2]**

*Jorge Silva Carvalho[1]*

**2007/05/10**

### **INTELIGÊNCIA E DEFESA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: IMPACTOS DO ÚLTIMO RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA PARA O BRASIL**

*Fábio Pereira Ribeiro[1]*

**2007/05/02**

### **SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA E A DEFESA DA NAÇÃO[2]**

*Fábio Pereira Ribeiro[1]*

**2007/04/27**

### **POLÍTICA DE DEFESA E INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA: PRIORIDADES PARA UM PAÍS COMO O BRASIL [1]**

*Fábio Pereira Ribeiro[2]*

**2007/04/26**

### **O GRANDE DESAFIO DA DEFESA**

*Grupo de Trabalho do Instituto Humanismo e Desenvolvimento[1]*

**2007/04/25**

### **AS FORÇAS ARMADAS E A ECONOMIA**

*Alípio Tomé Pinto[1]*

**2007/04/20**

### **POLÍTICA DE DEFESA: INTERESSES NACIONAIS EM JOGO**

*Fábio Pereira Ribeiro[1]*

**2007/04/15**

### **SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?**

*Francisco Manuel Gomes[1]*

2007/04/05

**A ALMA DAS INSTITUIÇÕES**

*Alípio Tomé Pinto[1]*

2007/03/24

**O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)**

*Eduardo Silvestre dos Santos*

2007/03/23

**O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)**

*Eduardo Silvestre dos Santos*

2007/02/13

**A (R)EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO[1]**

*João Vicente[2]*

2007/02/10

**O CERCO APERTA-SE**

*Eduardo Silvestre dos Santos*

2007/02/09

**ESTRATÉGIA NACIONAL PARA O MAR: UMA QUESTÃO FULCRAL**

*José Castanho Paes*

2006/12/03

**ANTI-MILITARISMO PRIMÁRIO**

*José Castanho Paes [1]*

2006/11/23

**LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN**

*Miguel Fernández y Fernández [1]*

2006/10/26

**O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]**

*João Vicente[1]*

2006/10/26

**A CAMINHO DE RIGA, PELO AFGANISTÃO[2]**

*Miguel Moreira Freire[1]*

2006/10/19

**A UTILIDADE DA FORÇA. A ARTE DA GUERRA NO MUNDO MODERNO[1]**

*Miguel Moreira Freire*

2006/08/13

**UM ACORDO DE CESSAR-FOGO SEM DATA MARCADA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2006/08/07

**LÍBANO. AS SAÍDAS DA CRISE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2006/08/02

**A ESTRATÉGIA DO HEZBOLLAH NA GUERRA CONTRA ISRAEL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2006/08/01

**A ESTRATÉGIA ISRAELITA NO LÍBANO. ACABARAM AS VITÓRIAS RÁPIDAS?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2006/07/30

**LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]**

*Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)*

2006/07/18

**O FUTURO DA NATO**

*António Borges de Carvalho*



**2006/07/17**

**A CIMEIRA DA NATO EM RIGA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/05/06**

**CICLO DE CONFERÊNCIAS «PORTUGAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS» - INFORMAÇÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/03/28**

**PARA UMA LEITURA ESTRATÉGICA DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LUSO-MAGREBINAS**

*João Brandão Ferreira*

**2006/03/27**

**O COMANDO SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS**

*António Borges de Carvalho*

**2006/03/19**

**A GUERRA DOS CARTOONS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/02/25**

**DIREITOS HUMANOS: VIOLAÇÃO E GUERRA CIVIL**

*Marcelo Rech[1]*

**2006/02/19**

**AFINAL, HUNTINGTON TINHA RAZÃO? SE NÃO FOR O PARADIGMA DAS CIVILIZAÇÕES, ENTÃO QUAL É?**

*Eduardo Silvestre dos Santos*

**2006/02/07**

**A PAZ**

*João Brandão Ferreira*

**2006/02/05**

**GEOPOLÍTICA PÓS-MODERNA: REPENSAR A GEOPOLÍTICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO**

*Eduardo Silvestre dos Santos*

**2006/01/09**

**FILOSOFAR É PRECISO**

*João Brandão Ferreira*

**2006/01/03**

**CONCEITOS E ESTRATÉGIAS. O FIM DO PORTUGAL DO MINHO A TIMOR**

*João Brandão Ferreira*

**2005/11/03**

**A TRANSFORMAÇÃO DOS CONFLITOS ARMADOS E AS FORÇAS RMC**

*Francisco Proença Garcia*

**2005/09/23**

**AS AMEAÇAS TRANSNACIONAIS E A SEGURANÇA DOS ESTADOS**

*Francisco Proença Garcia*

**2005/09/23**

**AS GUERRAS DO TERCEIRO TIPO E A ESTRATÉGIA MILITAR**

*Francisco Proença Garcia*